

Editorial

Eles são milhares e todos os conhecem. Aparecem aqui e acolá, no passado e no presente. Há séculos se dedicam aos cuidados da leitura e da escrita, aos saberes das ciências, às questões da cultura e das artes, acolhendo as novas gerações que se incorporam à história. Nos processos culturais os inserem em suas infâncias, adolescências e jovialidades, realizando seu segundo nascimento, uma outra natividade. Dedicam horas e horas de suas vidas a esses novos “chegantes”, para que, tendo se apropriado da memória cultural, possam realizar o novo de que são portadores.¹

Das aldeias às cidades, dos Inconfidentes nas Minas Gerais aos recantos de outros países e regiões do mundo, onde seja, os vemos, os (re) conhecemos em seus movimentos de inventar e reinventar a docência, no laborioso e delicado trabalho de educar seus devires. Por entre crianças e jovens, quais sejam, entre os ditos diferentes e especiais – a serem incluídos com dignidade e alegria na escola e em todo lugar –, com os adultos e mais velhos nos projetos de EJA e muito mais; dos amanheceres às noites, de norte a sul, de leste a oeste, os encontramos nos coletivos escolares, junto de outros deles e delas, seus colegas professores.

Nos tempos cotidianos da vida de cada dia, na longa e média duração histórica, nos horizontes do passado e do presente, foram deixando os seminários, os conventos e as casas de escola. Aos poucos, foram incorporando as mulheres nos processos de feminização do magistério, como também se afastaram do sacerdócio para realizarem a docência como trabalho assalariado: um labor sempre relacional, realizado em longas jornadas na escola diante da meninada, da juventude e de mais velhos, que se desdobra em tarefas extraescolares. Inicialmente, interações presenciais; nos dias de hoje, também a distância ou combinando uma à outra.

No tempo presente, realizam um trabalho com marcas de proletarianização, de precarização, de tensionamentos, de alta desvalorização material e simbólica, ainda que se trate de um trabalho e responsabilidades

¹ Ver ARENDT, H. A crise da educação. In: ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

sociais com um forte envolvimento e exigência humana. Ainda que se trate de uma atividade complexa, tensa e desafiante, quando não conflitiva, inscrita em tempos e espaços vividos entre bem-estar e mal-estar, entre alegrias e dores, entre realizações e adoecimentos. Ainda que se trate de uma experiência que envolve esperança e desânimo e tantos outros sentidos, sentimentos e significações contraditórios, marcados por expectativas e imprevisibilidades.

Mas isso não é tudo, pois os professores e as professoras se encontram em outros lugares, quando ficam do lado de lá: como se fossem alunos. Ali estão eles e elas em outros territórios e práticas do aprender e ensinar, vivendo suas experiências de formação acadêmica, inicial e continuada, presencial e a distância, mais longas ou mais breves, como sejam. Eles e elas são o público de várias Faculdades de Educação, de projetos, de programas, de experiências de formação acadêmica, sistematizadas, posto que os processos de formação docente, além de nunca estancarem, extrapolam as práticas institucionais e formalizadas. Aprendemos a ser professor nos múltiplos tempos e espaços da vida social que não se esgotam e nunca se completam. Aprendemos a ser professor nos aprendizados assistemáticos implicados na vida cotidiana, nas práticas sociais, nos movimentos sociais. Aprendemos a ser professor na sala de aula, na sala dos professores, no trabalho da docência de cada dia nas escolas.

Vendo-os onde quer que estejam, observando-os como alunos ou como profissionais das escolas, nas salas de aula onde trabalham no presente, surge sempre a pergunta: como eles e elas se tornaram professores? Como aprenderam e como aprendem esse trabalho? Como foram os percursos e percalços, os caminhos e descaminhos, os processos e práticas de sua formação sistematizada ou formalizada para o exercício da docência? Ou, numa outra direção, pode-se perguntar: quais as bases dos projetos, programas, experiências desenvolvidos para que se esses profissionais possam refazer, aprimorar, recriar sua formação, suas transformações, para além dos seus tempos de trabalho, para além do exercício vivo da docência na escola, *locus* privilegiado de formação?

Essas temáticas e questões outras estão contidas nesse dossiê, resultado de uma proposta do Grupo de Pesquisa sobre a Formação e a

Condição Docente (PRODOC) com o objetivo de adensar as reflexões em torno desse assunto. O dossiê é composto de duas partes: esta primeira (aqui apresentada) e uma segunda, a ser publicada no próximo número desse periódico. Mediante essas e outras preocupações, reunimos nessa primeira parte, trabalhos singulares e plurais, seja porque percorrem a mesma temática geral – da formação de professores –, seja porque há focos, olhares e questões distintas. Vários projetos e propostas, várias experiências e reflexões estão aqui reunidos e analisados, diversificando-se e se enriquecendo mutuamente, tanto pelas distintas formas das escritas e dos focos analíticos, quanto pelos vários autores e autoras que assinam os trabalhos: um conjunto que reúne pesquisadores e pesquisadoras que se ocupam da pesquisa em torno dessa temática.

No primeiro artigo, *Para um desenvolvimento profissional do professor ao longo da vida*, Manuela Esteves, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, parte do perfil de desempenho dos educadores de infância e professores portugueses, consagrado em 2011, e, também, dessa dimensão particular que é a do desenvolvimento dos profissionais durante suas vidas. Tendo por base a investigação científica, ela analisa as competências do professor, o professor como “pessoa” e a personalização da formação. Ela questiona valores como ética e deontologia profissional, colaboratividade, cosmopolismo. A autora concebe o professor como investigador e profissional reflexivo. Quanto ao desenvolvimento do professor, ela enfatiza tanto a formação inicial, como a formação continuada no curso da vida, ambas alicerçadas pela satisfação de ser professor e por melhores graus de qualidade das diversas aprendizagens dos alunos. As mutações em todos os setores da vida – social, econômico, político e cultural – são profundas e, atualmente, ocorrem em escala planetária, podendo ser percebida a universalidade dos problemas, dialogar sobre eles acima das fronteiras nacionais, não se esquecendo dos diferentes contextos pátrios, em consequência do percurso histórico que cada sociedade fez e do nível a que chegou. Prova disso é como cada sociedade reagiu e está reagindo à crise global do capitalismo neoliberal desde 2008. Assim, a condição do docente – inicial e continuada – é um pilar de resistência e de desenvolvimento construído numa relação

dialética entre disposições inerentes ao sujeito (motivação, curiosidade, interesse pela profissão, empenho) e aos estímulos externos (formação inicial e continuada), contextos escolares democráticos orientados para a valorização das pessoas e da comunidade, para mudança e inovação e espaços de trabalho colaborativo com os pares.

Em *Diferenças teórico-metodológicas e conceituais entre pesquisas sobre formação docente e pesquisas na formação docente*, Júlio Emílio Diniz-Pereira estabelece elos teórico-epistemológicos entre a noção de “pesquisa dos educadores” e a de “pesquisa na formação docente” e chega à distinção entre uma e outra, enfatizando as contribuições específicas que cada uma dessas pesquisas trazem para o pensar/re-pensar da formação docente. Ele cita os diferentes termos usados na literatura para se referir à pesquisa feita por educadores a partir de sua própria prática na escola e/ou em sala de aula: “pesquisa-ação”, “investigação na ação”, “pesquisa colaborativa” e “práxis emancipatória”. O autor lembra John Elliot ao entender a pesquisa dos educadores como uma das formas mais eficientes para a formação profissional. Os professores envolvidos em pesquisas de suas próprias práticas parecem adotar modelos de ensino mais centrados nos alunos e se convencem da importância de ouvir, observar e procurar entender seus estudantes. Explicitando as principais diferenças entre as investigações sobre e na formação dos educadores, o autor esclarece que ambas trazem contribuições importantes para a preparação de professores da educação básica.

No artigo *Os novos estudantes de Licenciatura no contexto da expansão do Ensino Superior*, Santuza Amorim da Silva apresenta uma reflexão sobre os novos perfis de estudantes que se encontram nos cursos de formação inicial para a docência a partir de resultados de pesquisas que revelam tais transformações. Problematiza a alteração desse perfil no cenário de expansão e democratização do Ensino Superior, ocorridos nos últimos anos no país e, como exemplo, a autora traz alguns dados sobre o discente da Licenciatura em Educação do Campo, atendo-se às variações constituintes desse novo perfil de licenciando, considerando a heterogeneidade social e cultural que caracteriza esse indivíduo e a sua inserção no espaço acadêmico. A autora expõe que uma nova dinâmica se

instala no contexto da formação inicial de professores, e esse novo perfil traz novas expectativas e demandas para a formação inicial docente.

Com sensibilidade, mas sem perder o rigor, o artigo *De mãos dadas: ensino e pesquisa na formação docente*, de Célia Nunes e Hércules Corrêa, é um exemplo da potência dos memoriais de leitura e escrita na formação de professores. À procura do necessário enlace entre ensino e pesquisa, que seguem de “mãos dadas” nos trabalhos que os autores realizam, o artigo contém comentários interpretativos de três memoriais escritos por estudantes que os redigiram em suas interações com seus professores, tutores presenciais e a distância, durante e após a realização do curso de Pedagogia EaD da UFOP. Entre outras de suas conclusões, Célia e Hércules destacam que aquelas “três vidas escritas em memórias narradas” revelam três sujeitos cujas histórias expressam trajetórias singulares de pedagogos, “marcadas por desejos e sonhos, dificuldades, força de vontade e esperança”, para todos conhecerem, para que tais histórias não se percam, para que nelas possamos desvelar processos de formação de educadores que envolvem não somente a dimensão acadêmica, mas suas próprias vidas, digamos.

Na sequência, o artigo *A inclusão e a educação de jovens e adultos: saberes em circulação*, assinado por Margareth Diniz e Regina Magna Bonifácio Araújo, desenvolve uma importante e necessária dimensão analítica de projetos de formação continuada de professores: a temática da inclusão. Trata-se de uma reflexão realizada pelas autoras, a partir da escuta de professores que trabalhavam com EJA, no Projeto de Educação de Trabalhadores (PET) da Prefeitura Municipal de Educação de Belo Horizonte, no qual o direito de o jovem com deficiência e/ou necessidade específica ser incluído na escola é um pressuposto básico, assim a organização coletiva do trabalho docente. Ao longo do texto, as pesquisadoras discutem a própria ideia de inclusão nos domínios político-educacional e pedagógico e apresentam alguns enxertos do que ouviram dos docentes envolvidos no trabalho do PET. Desses fragmentos discursivos, extraem considerações entre as quais a de que a inclusão não tem um fim em si mesma, configurando-se não como um destino, mas como um processo. De igual maneira, as pesquisadoras destacam

que, no que concerne à formação de professores é necessária não uma preparação prévia à chegada do sujeito com deficiência no ambiente escolar, mas um preparar-se constante, a partir da especificidade do sujeito e de uma postura investigativa.

Completando essa primeira parte do dossiê, chegamos a outras paragens, com o trabalho de Karla Cunha Pádua: "*Nossa mata, nosso rio, nosso mangue*": a escola em narrativas de professores(as) indígenas; ele contém novas contribuições para pensar a escola e a formação de professores na contemporaneidade. Ao discutir o significado da escola para os índios Pataxó da aldeia Muã Mimatxi, entre outras de suas considerações, o artigo ressalta como concepções próprias de conhecimento, em diálogo com as propostas apresentadas em cursos de formação docente, transformaram a escola em centro da vida comunitária, lugar de exercício de pesquisa permanente, ligada à prática social. Questões que ajudam a repensar as experiências e significações de escola e dos processos de formação em tempos de interculturalidade.

Estes são os trabalhos que compõem a primeira parte deste dossiê. Com distintas questões, abordagens, olhares, sensibilidades esperamos que contribuam para antigas e novas reflexões necessárias sobre os professores, seu trabalho e sua formação, em especial. Reflexões e temáticas que nos interpelam e interrogam sobre aqueles e aquelas que, sendo milhares, sempre presentes nos territórios da vida social e da escola, nos convocam a pensar a sua condição, sua formação, suas histórias individuais e coletivas, aqui e acolá, no passado, no presente e adiante.

Faz parte deste número outros quatro textos que abordam outras problemáticas do campo educacional.

O artigo *A concepção das ciências e do agir responsável dos estudantes face às mudanças climáticas*, de Barbara Bader, Agnieszka Jeziorski e Geneviève Therriault, aborda os desafios em relação às questões ambientais como um dentre aqueles cada vez mais postos para a escola, na atualidade. Por essa razão, ressaltam as autoras, as questões ambientais merecem ser enriquecidas pela concepção escolar das ciências e por práticas pedagógicas interdisciplinares que promovam tanto a renovação da forma escolar como a autonomia dos alunos. Neste sentido, e

considerando as exigências dos programas escolares que incentivam os professores de ciências a ensinarem as mudanças climáticas de forma interdisciplinar e os professores de história a tratar esta *Questão Ambiental Socialmente Viva* com a preocupação de educar para a cidadania, as autoras realizaram uma pesquisa junto a alunos do ensino médio no Québec, após esses terem vivenciado uma proposta de ensino numa abordagem interdisciplinar e de educação para a cidadania.

Diante da introdução do ensino religioso como parte da formação do sujeito, Raimundo Márcio Mota de Castro e José Maria Baldino buscam, no artigo *Ensino Religioso no Brasil: apontamentos epistemológicos de um modelo em construção, discutir como se tem construído* as bases epistemológicas dessa disciplina. Sinalizam que a construção epistemológica do Ensino Religioso somente é possível graças ao rompimento da “razão moderna”, o que possibilitou a multiplicidade dos saberes, tornando-os formas legítimas de conhecimento. Os autores concluem que entender o Ensino Religioso como saber formado pela escola e não mais pela religião pode possibilitar ver a religião como fenômeno humano, carregado de subjetividades e diferenças que devem ser respeitadas e entendidas por todos, ao mesmo tempo como instrumento de diálogo com as diferenças.

Em seguida, Lia Fialho, Charliton Machado e José Álbio Moreira de Sales discutem, em *As correntes do pensamento geográfico e a Geografia ensinada no Ensino Fundamental: objetivos, objeto de estudo e a formação dos conceitos geográficos*, as interfaces das correntes do pensamento geográfico e a Geografia ensinada no Ensino Fundamental, com ênfase na “alfabetização geográfica” no século XXI. Além disso, focaram as influências que a corrente Tradicional – determinismo, possibilismo, regionalismo – e a Moderna – pragmática, crítica – exerceram no ensino formal da Geografia, bem como na maneira como a aprendizagem foi concebida historicamente e a constituição dos conceitos geográficos pela criança. O estudo constatou que, na contemporaneidade, não cabe mais uma visão positivista de ensino baseada unicamente na transmissão mnemônica. Deve-se compreendê-lo como instrumento de compreensão da realidade e recomenda-se que o conhecimento geográfico seja desenvolvido desde a tenra infância.

E, por fim, Anelice Ribetto e Valter Filé sintetizam, no ensaio *Uma experiência sobre a produção imagética e alteridade*, uma experiência vivenciada no projeto *Narrar as experiências de alteridade na Educação*, uma das atividades experimentadas na disciplina de Estágio Supervisionado que envolve a análise das imagens fotográficas produzidas pelos alunos do Curso de Pedagogia e as possibilidades de interpretação dessas imagens.

Desejamos uma boa leitura aos nossos leitores e leitoras e aguardem a Segunda parte do dossiê para o próximo número desta Revista, com outros debates e contribuições.

Inês A. C. Teixeira

Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas sobre Condição e Formação
Docente da Faculdade de Educação da UFMG.